

Algumas reflexões sobre léxico e gramática¹

Marcos Luiz CUMPRI²

Resumo: Este artigo defende uma abordagem dinâmica do léxico e da gramática por crermos que ambos são articulados e indissociáveis. Nesse sentido, o texto reflete sobre essas duas forças da linguagem (o léxico e a gramática) por meio de uma visão enunciativa que julgamos ser capaz de mostrar que é só na atividade da linguagem que uso e sentido podem ser tomados. Na parte prática do trabalho, analisamos duas crônicas e demonstramos como a língua repercute a dinamicidade que defendemos; essa espécie de movimento que dissolve a oposição entre paradigma e sintagma e os remete a uma relação mais profunda e articulatória a partir da qual se geram os sentidos cristalizados pelo uso.

Palavras-chave: Léxico; Gramática; Linguagem.

Abstract: This article defends a dynamic approach of lexicon and grammar because we believe both are articulated and undisjoinable. In this way, the text argues about these two forces of language (lexicon and grammar) throughout an enunciative point of view we see as capable of showing we might only take use and meaning in the language activity. In our analysis we worked with two chronicles and demonstrated how language spreads the dynamicity we are talking about; this kind of movement that breaks up the opposition between paradigm and syntagma and involves them in a deeper and articulated relation responsible for the generation of meanings crystallized by use.

Keywords: Lexicon; Grammar; Language.

Introdução

Numa redução simplista, diríamos que a Linguística tende a seguir dois rumos bem distintos: um que visa à produção linguística e um que visa ao produto linguístico. Sem nos atermos às justificativas das nossas preferências teórico-metodológicas, enfatizamos que esse trabalho pretende defender uma gramática da produção linguística, em que a triparte *ego*, *hic* e *nunc* é indissociável nos atos enunciativos.

O objetivo é mostrar duas coisas fundamentais e complementares: que o homem está no bojo dos processos constituintes do enunciado (e aqui entendemos por enunciado toda produção oral e escrita com vistas a significar algo) e que a significação linguística só se dá graças a uma força motriz que é a articulação entre o léxico e a gramática.

Para realizar nossa meta, conciliaremos alguns apontamentos de cunho mais teórico com uma análise mais empírica de duas crônicas que abordam direta ou indiretamente um tema em comum: o léxico. São elas: "Pobres Palavras" de Domingos Pellegrini e "O Bilinguismo

1 Apoio CAPES.

2 Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Araraquara - SP. Correio eletrônico: marcoscumpri@yahoo.com.br

Emergente” de Rachel de Queiroz.

Formalmente o texto está dividido em três partes: uma destinada ao léxico, uma destinada a uma visão enunciativa da gramática e uma terceira destinada à análise das crônicas. O texto ainda traz conclusão e referências.

Sobre o léxico

Biderman (1978, 1981, 1999) fornece um interessante aporte teórico sobre o conceito de léxico que dialoga com o que propomos nesse texto. Para a linguista, a palavra nomeia e refere a realidade, é o instrumento de representação da organização do mundo sensorial do homem e tem um valor que não é absoluto, portanto, relativo.

Numa definição sumarizada, destacamos que a palavra é:

- A unidade operacional básica.
- A unidade significativa de articulação do discurso humano.
- A entidade psicolinguística primordial.

Tais definições contribuem para um conceito de palavra ao mesmo tempo opaco e relativo; opaco por ela estar na fronteira entre o linguístico e o extralinguístico; e relativo por variar de língua para língua. Assim, a definição e a classificação do léxico de uma determinada comunidade linguística é uma tarefa que está longe de ser fácil e rápida. Além de o léxico ser a forma de registrar o conhecimento do universo, também é um sistema aberto que engloba o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história, que constitui um tesouro cultural abstrato.

O homem, ao categorizar e nomear os seres e os objetos que o cercam, à medida que conhece e estrutura o universo do qual é parte integrante e determinante, gera o léxico das línguas naturais que se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência cristalizada em signos linguísticos.

Como resultado desse processo, estabelece-se o dicionário de uma língua, essa espécie de depositário do acervo lexical e do patrimônio cultural de um povo que tanto registra, quanto define e descreve os signos lexicais frutos da cultura dos falantes dessa língua.

Algumas crenças acerca do conceito de gramática³

Vimos insistindo (CUMPRI 2008, 2010a) que uma gramática realmente produtiva da língua perpassa por uma aposta radical na indeterminação da linguagem por cremos que ela é uma prática, uma capacidade pertencente a todos os seres humanos de construir símbolos, representações, processos de síntese (indução) e elaborações de análise (dedução). Nesse sentido, estudar e fazer gramática é estabelecer uma relação dialógica entre a linguagem (faculdade universal de produzir e interpretar textos por um processo de operações generalizáveis) e as línguas (sistemas de representação que têm regras próprias de organização e cujos traços são empiricamente observáveis).

A linguagem constitui um trabalho de elaboração de representações, uma forma processual construtora de conteúdo que seria inata ao homem e sua apreensão só é possível por meio de textos e por meio da atividade da linguagem, daí a necessidade de colocar as atividades cognitivas e representacionais dos sujeitos no centro de toda e qualquer discussão acerca de gramática.

A gramática que defendemos opera com enunciados, pois quando falamos ou escrevemos, estamos inseridos num processo de organização enunciativa em que o significado e a sintaxe não se separam, pois o texto é um arranjo léxico-gramatical em que devemos encontrar o sujeito sóciopsicológico e enxergar a língua como uma questão de auto-organização do ser humano. Para tal, se faz necessário observar valores semântico-discursivos veiculados por marcas de diferentes ordens (entoacional, lexical, morfológica, etc.) geradas na relação léxico-gramatical.

Com efeito, os mecanismos ou processos que constituem o enunciado também são ferramentas fundamentais. Assim, léxico e gramática não são dados prontos, mas construtos oriundos da atividade da linguagem pertencentes a uma determinada língua. O significado de um enunciado é construído por meio de modulações de sentido e essas modulações dialogam entre si e com um determinado conteúdo predicativo, o qual fornece a espessura dialógica necessária à construção da representação.

A atividade de (re)construção dos sentidos se realiza por meio

³ Este item é norteado pelo modelo teórico da linguística enunciativa do francês Antoine Culioli e de seus colaboradores.

de operações resultantes da produção de enunciados em determinado momento (tempo), em um determinado lugar (espaço), por um determinado (co)enunciador (sujeito), o qual (re)constrói significações por meio da (re)interpretação da realidade.

As línguas naturais são sistemas abertos que se apresentam na forma de texto e são dependentes de quem as fala. Portanto, é inegável a forte ligação entre cultura e língua, ou seja, a inserção psicossociológica do falante que lhe permite perceber as sutilezas da significação (estilo, ênfase, variáveis psicológicas e sociológicas, etc.)

Assim, falar em gramática é falar de um conceito organizacional da fala humana em que a significação e os valores linguísticos perpassem, mesmo que discretamente, pelas operações de montagem e desmontagem dos arranjos léxico-gramaticais e que essas mesmas operações sejam da mesma importância que a significação e os valores em si.

Uma análise prática

Dos vários pontos que poderíamos trabalhar a partir das duas crônicas⁴ já citadas na introdução desse trabalho, tomaremos aquele que lhes é compartilhado: o estranhamento lexical.

Domingos Pellegrini numa espécie de preâmbulo da crônica "Pobres Palavras" bem define o que está no âmago de seu texto:

Inexorável, Inconsútil. Quantas e quantas vezes nos deparamos com palavras pomposas, cujo significado nem sempre conhecemos! O sentido real, porém, pode nada ter de grandioso ou ser bem diferente do que parece. O dicionário que o diga! (CAMPOS; SILVA, 2007, p. 39).

No decorrer da crônica o autor vai apontando para algumas palavras na quais ele tropeçara (termo usado por ele):

Lendo um romance, tropecei na palavra inexorável. É uma das que mantenho desconhecidas... (...) Parece uma palavra em desuso, dessas que ficam nos velhos armazéns da língua...

[...] Porque a primeira vez que fui ao dicionário desvendar uma palavra, foi uma inenarrável (olha outra pomposa ai) decepção.
Era a palavra inconsútil...

⁴ Essas crônicas encontram-se na antologia de Campos e Silva (2007).

[...] Outro dia numa festa o cartunista Jota disse que sou idiossincrático, que era outra das minhas ilustres desconhecidas. (CAMPOS; SILVA, 2007, p. 40).

No final da crônica o escritor traz um jogo fantástico com algumas palavras que o incomodam:

[...] Deve haver alguma palavra pomposa para designar (outra) isso. Por conseguinte (mais uma), lembro de inelutável. Esta foi mantida com carinho e desvelo, mas acho que chegou a hora, é inevitável saber o que é inelutável. Vou ao dicionário, e inelutável é inevitável. Diante disso, sem querer parecer idiossincrático, e por mais inexorável que pareça, mas tão inelutável como eram inconsúteis os mantos nos tempos em que não existia máquina de costura, fico por aqui. (CAMPOS; SILVA, 2007, p. 42).

Temos aqui a exposição de um problema clássico de língua que contrapõe uso linguístico e registro linguístico, ou seja, palavras que pertencem ao discurso corrente de uma determinada comunidade linguística e palavras que pertencem ao banco de dados lexical dessa mesma comunidade linguística.

É de se observar que a recorrência ao acervo lexical de uma língua está longe de dar conta do problema da referência; e o autor aborda muito bem esse impasse quando registra a definição dicionarizada do que é idiossincrasia, a qual não o faz buscar referência na experiência de mundo: **“disposição particular do temperamento e constituição, em virtude da qual cada indivíduo sente inversamente os efeitos da mesma causa.”** (CAMPOS; SILVA, 2007, p. 41).

Vemos aí uma clara ausência de identificação do termo para com sua definição. Na verdade, estamos falando de uma questão chave para qualquer linguística da produção: a referencialidade, e no caso de idiossincrasia, a falta de referencialidade.

Já Raquel de Queiroz, na crônica “O bilinguismo emergente”, critica, de forma ácida, as ocorrências frugais e desenfreadas de termos oriundos da língua inglesa (via modismo americano) na língua portuguesa. Logo no início do texto, ela ataca: **“A gente já prevê que o nosso próximo passo será oficializar o inglês como língua do Brasil...”** (CAMPOS; SILVA, 2007, p. 73).

Tal crítica está mais vinculada ao meio pelo qual a entrada de americanismos se deu em nossa cultura. Seguem alguns excertos:

"Pena que essa bilinguidade (perdoem o neologismo) não nos tenha chegado, já não digo por meio erudito, mas pelo menos por oralidade consequente...".

"[...] você abre um jornal, na página que outrora se chamava 'diversões' ou 'espetáculos', hoje tudo é incluído na expressão 'Show'...".

"[...] O pior é que a publicidade brasileira assumiu indiscriminadamente a moda, e você pode estar vendendo um brim tecido em São Paulo e ele será chamado 'jeans', um sorvete é "ice-qualquer coisa" (...) No menu dos restaurantes (aliás ninguém diz mais menu) os pratos são quase todos americanizados, do hot dog ao steak...".

"[...] Mas os nossos socialites (mais inglês) e os emergentes em geral detestam Nova York (ou Noviorque, como eles dizem)." (CAMPOS; SILVA, 2007, p. 73-75).

Apesar de haver aqui uma retaliação à apologia aos estrangeirismos que é disseminada pela publicidade brasileira, linguisticamente, tal propagação tem senso e sentido, haja vista a premissa de Halliday (1985 *apud* NEVES, 2006, p.31) de que todo texto (escrito ou falado) aparece em algum contexto de uso e de que a linguagem se desenvolveu para satisfazer a necessidades humanas. A crônica, por sua vez, também tem senso e sentido porque se foca no produto e fala de resultados, ocorrências, que é o que dá o tom da crítica.

Por ser a gramática da produção a que defendemos, há de se considerar que, se os estrangeirismos nos saltam aos olhos, é porque eles contribuem para o processo de comunicação e fazem valer a dinamicidade da linguagem.

Nesse contexto, mais profícuo do que falar em pertinência lexical, é falar em pertinência comunicativa e mais proveitoso ainda é vermos a influência de outras línguas em nossa cultura como uma consequência inalienável do que cada indivíduo escolhe (entre as unidades lexicais) como mais próximo da noção que ele tem de seu referente; mesmo que essa escolha tenha vindo, *a priori*, por imposição de veículos de poder maior (imprensa, sobretudo).

Tanto isso é verdade, que a palavra estrangeira escolhida se encaixa na cadeia falada por equivaler tanto ao seu termo correspondente em língua vernácula, quanto por exercer função e combinação semelhantes (e por que não idênticas?) na construção da

sequência comunicativa.

A questão do estrangeirismo, às vezes, vai mais adiante e chega a casos em que numa língua o termo estrangeiro chega a ser mais funcional e expressivo que o vernáculo. No português, é o caso dos termos *socialite* (aquele mesmo que incomodou a Rachel de Queiroz) e dos inúmeros termos do campo da informática (*notebook, mouse, software, etc*). Assim, nem sempre se trata de estilo e pompa, mas de unidades linguísticas visando representar o mais fidedignamente possível os fenômenos do mundo extralinguístico.

Resumidamente, a partir da leitura das duas crônicas, pudemos ver que, embora a abordagem que cada autor faz do léxico seja diferente, ambas apontam para uma mesma questão de língua: o movimento contínuo do léxico. Enquanto Domingos Pellegrini aponta para um movimento interno da língua (dela para ela mesma), Rachel de Queiroz direciona suas reflexões para um movimento cujo ponto de partida é outra língua (no caso, do inglês para o português).

Se a temática e, por vezes, a insatisfação dos cronistas está voltada para o léxico, algumas percepções podem ser registradas:

A mudança, de fato, parte do povo, dos falantes em situações empíricas, cotidianas que suscitam arranjos e rearranjos que expressem suas necessidades reais para referenciar o mundo fenomenológico, para representarem suas interações com o ambiente. Trata-se de um movimento que se inicia na língua falada e não na língua escrita. Vale lembrar que, quando nos referimos ao povo, não abarcamos somente a grande massa populacional, mas todos os meios que representam suas vivências; incluindo o universo midiático que é o próprio encapsulador das manifestações e tendências que regem a cultura popular.

Se para Domingos Pellegrini são estranhos termos como *inexorável, inconsútil, idiossincrático* etc, é porque eles têm exercido pouca função nos textos que vimos produzindo. Estamos falando, na verdade, de perda de valor pragmático de termos. É como se fossem peças que, embora funcionais (mesmo que apenas em estado de dicionário), pouco poder de encaixe têm em nossas atividades linguístico-comunicativas.

Não se nega que o contexto exerce considerável força na interpretação e busca de sentido das unidades da língua. O fato é que ele não resolve por completo o problema da significação. Demonstração

do que está sendo dito pode ser dado pelas ocorrências do próprio termo 'idiossincrático', do qual não se oferecem exemplos de aplicação em vários dicionários da língua portuguesa.

A refutação que Rachel de Queiroz faz da avalanche de anglicismos na língua portuguesa traz à tona um movimento globalizado que coloca as tendências socioeconômicas na ponta da esteira que conduz os atos de fala do povo. Trata-se de uma realidade linguística em que tais unidades de comunicação se fazem práticas e explicáveis na conjuntura em que se inserem. Assim, *hot dog*, *impeachment*, *show* etc, são termos funcionais porque representam atividade da linguagem, mesmo que tenham correspondentes na língua vernácula (cachorro quente, impedimento e espetáculo).

Nada é aleatório na língua, prova disso é que léxico e gramática se articulam fundamentalmente e, se estrangeirismos se fincam nos nossos atos de fala, é porque encontramos neles expressividade, sentido e referência.

Neves, por exemplo, defende que há uma:

existência natural, nas comunidades, de uma busca espontânea de padronização, de constituição de uma norma que dê certa unicidade à heterogeneidade e à multiplicidade sempre existentes em uma língua. (2010, p. 172).

Assim, embora o termo *espetáculo* possa conviver com o seu correspondente inglês *show* na cultura brasileira, pensamos que a busca de identidade que a atividade da linguagem gera e prolifera tende a condicionar (não os eruditos tradicionalistas que, geralmente, são coextensivos a eles mesmos) os cidadãos a se englobarem nessa rede de tendências que é a fala cotidiana.

Se para alguns ainda pesam séculos de influência político-cultural lusitana, para outros pesa ainda mais a necessidade de uma inserção urgente em nichos sociais. Vivemos em sociedade e é nela que temos que interagir e fazer compreensíveis nossos intentos comunicativos. Não dá para fingir que a sociedade e a língua que nela se fala instauram um processo de criação de identidade e de aceitação mais fortes que os movimentos eruditos de cultura.

Logo, se a linguagem é uma atividade que representa o vivido (pensamento de Carlos Franchi) e prevê o que se está por viver (pensamento de Émile Benveniste), ela também nos direciona ao

movimento que ora gera identidade (eu comigo mesmo, as relações psicológicas e cognitivas), ora gera alteridade (eu com o outro, as relações sociológicas e comunicativas); essa espécie de movimento que nos faz oscilar entre paradigmas (certo/errado, erudito/coloquial, visível/invisível) e que nos faz deslizar entre conceitos e tabus, entre eles, o que é de uso e o que já não é de uso.

Considerações Finais

As páginas anteriores visaram demonstrar que a linguística na qual nossas crenças estão arraigadas toma as unidades de análise de um modo dinâmico, isto é, não separa léxico e gramática e instaura dois conceitos fundamentais: a indeterminação da linguagem e o conceito de uma hipersintaxe.

Tal concepção articulatória é fulcral para a abordagem da gramática, pois defendemos que as unidades linguísticas têm um conteúdo resultante da prática da interação verbal dos falantes (tanto interação falante- falante, quanto interação falante – meio ambiente).

Assim, o signo linguístico tanto tem forma (significante), quanto conteúdo (significado) e, do mesmo modo, a gramática também tem forma (estrutura, entonação, modalização) e conteúdo (sentido, intenção).

Estudar a gramática pressupõe observar o desenvolvimento da atividade da linguagem através da diversidade da língua, um estudo dos fenômenos linguísticos em movimento, que é a própria concepção do que vem a ser uma linguística aplicada. Do lado contrário, não observar a finalidade com a qual as unidades linguísticas são relacionadas coloca léxico de um lado e gramática de outro, algo que acarreta no descredenciamento do trabalho realizado pelos sujeitos.

Nesse sentido, apostamos no enfoque da observação dos deslocamentos de sentido para fazer vir à tona a linguagem, essa força invisível e complexa que nos é acessível por um trabalho que só a língua em movimento é capaz de fornecer. É somente na interação verbal, no diálogo, na enunciação que somos capazes de notar o significado que constitui o signo.

O foco na interação verbal (o texto) coloca léxico e gramática numa relação interdependente, em que se precisa de um para se

entender o outro. É romper a dicotomia entre paradigma e sintagma e potencializar sua articulação. A significação linguística é sempre aberta e o léxico não tem significado autônomo, da mesma forma que não existe uma gramática autônoma, o que comprova que a linguagem mais é uma atividade de construção de representação e que separar léxico e gramática é separar as duas dimensões de um mesmo objeto.

Referências

BIDERMAN, M.T.C. **Teoria Linguística: linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

_____. **A estrutura mental do léxico**. Estudos de filologia e linguística, São Paulo, T.A.Q. / Edusp, 1981, p. 131-145.

_____. **Conceito linguístico de palavra**. Palavra, Rio de Janeiro, n.5, p. 81-97, 1999.

CAMPOS, C.L.; SILVA, N.J. (orgs.) **Lições de gramática para quem gosta de literatura**. São Paulo: Panda Books, 2007.

CUMPRI, M. L. **Da noção ao texto: um estudo enunciativo da produção textual**. Araraquara. 2008. 124f. Dissertação (Mestrado em Letras. Área de concentração: Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

_____. **Para uma linguística da enunciação**: Antoine Culioli e a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. Interletras, Dourados, v. 2, n. 11, julho 2010. Disponível em: < http://www.unigran.br/revistas/interletras/exp_artigo.php?codigo_e=51&edicao_e=11>. Acesso em: 23 nov. 2010.

NEVES, M.H.M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Ensino de língua e vivência de linguagem**. São Paulo: Contexto, 2010.

Recebido em 07 de novembro de 2011.

Aceito em 21 de abril de 2012.